

O Espírito Santo e a Revolução Tecnológica.⁽¹⁾

("The Holy Spirit and the Technological Revolution")

Por Arne Bentz.

Primeira Parte

Quais são as mudanças efetuadas em nossa sociedade diversificada devido aos processos de industrialização e urbanização e quais suas conseqüências para o indivíduo privado?

I — *Observações Gerais em Relação à Revolução Tecnológica.*

A. *Uma nova cultura.*

A revolução tecnológica e suas manifestações representam uma cultura diferente da que foi trazida a êste continente pelos imigrantes. A solução para o problema criado pela revolução tecnológica não é um retôrno ao passado, mas sim uma adaptação ao nôvo. Pretendemos discutir êsses *problemas de adaptação*. Eles encontram-se relacionados com certas necessidades básicas de nossa sociedade. Essas necessidades surgem do processo de formação de uma sociedade industrial diferenciada. Para possibilitar o funcionamento de nossa sociedade são necessários tipos diversos de homens, tais como administradores de empreendimentos industriais, chefes de secção, empregados de escritório, peritos profissionais etc. A criação dessa sociedade industrial diferenciada e a conexão mútua entre os diferentes grupos são os problemas básicos com os quais nos ocupamos nesta discussão.

Primeiramente, é indispensável que digamos algo sôbre a revolução tecnológica em geral. A revolução tecnológica alcançou todos os níveis da vida humana e revolucionou nosso modo de vida. Industrialização e urbanização aparecem como seus servos. Elas nos fornecem tôdas as inovações tecnológicas que têm alterado nossa vida diária; são, no entanto, sômente uma parte dessa revolução que caracteriza nossa época. Em tôda parte em nossa

(1) O presente trabalho representa a primeira parte de uma preleção proferida no "Urban Pastor's Institute" do "Lutheran Theological Seminary" em Philadelphia, Pa. pelo autor, que é docente para "Missão" na "Lutheran School of Theology" em Chicago.

Tradução de Carlos Dreher.

sociedade podemos reconhecer sua influência sobre o homem e sobre a vida social.

O aumento de comunicações tem diminuído distâncias e facilitado nosso contato com os outros. As descobertas da tecnologia mudaram nossos costumes de lazer. O automóvel revolucionou nosso modo de tirar férias e a televisão mudou o padrão de nossas relações. A tecnologia abriu novas possibilidades de comunicação cultural. Ela é uma força criadora de cultura; gera novas necessidades. Da existência de certos gêneros surgem novas necessidades de possuir e usá-los. O ajustamento exterior à nossa cultura mecanizada tem sido difícil aos indígenas, nativos americanos e imigrantes.

Mas a maior dificuldade não foi a aquisição exterior de conhecimentos técnicos e intelectuais, necessários para conhecer a fundo nossa sociedade mecanizada. O mais difícil foi aceitar e adquirir o sistema de valores indispensável para o funcionamento eficiente de nossa sociedade industrial. Morar numa cidade, onde podemos contar somente com o conhecimento parcial um do outro, requer uma lealdade mais ampla e uma responsabilidade maior do que morar numa comunidade rural onde é possível o conhecimento total de nossos concidadãos.

B. Faz-se necessário um novo tipo de homem.

É indispensável uma certa sinceridade e uma certa medida de honestidade para se dominar o sistema urbano. Além disso é preciso uma nova disposição de trabalho. O sistema do trabalho moderno e efetivo requer precisão, tenacidade, respeito a acordos e respeito ao trabalho. Necessita-se de um novo tipo de homem que tenha aprendido a se ajustar às exigências éticas da vida técnica moderna. Mas a própria rapidez do desenvolvimento traz dificuldades nesse tocante, pois poucos nasceram com o caráter de precisão e de perseverança no trabalho. A maioria de nós foi criada num ambiente inteiramente diferente. A questão decisiva está na possibilidade de se poder ou não estimular tal sistema de valores. A cultura técnica e industrial requer fundamentalmente certas qualidades das quais o homem sempre parece carecer.

Quais são as forças que contribuirão para a criação do novo homem exigido pela sociedade tecnológica? Nossas religiões e pseudo-religiões estão sendo ameaçadas por estarem em parte relacionadas a um tipo de sociedade e a instituições sociais que requerem espécies de valores diferentes daqueles reclamados pela sociedade técnica e industrial. Com a industrialização foi criada uma nova ordem social que levou o homem a se confrontar com valores diferentes.

Por essa razão certa gente religiosa revela uma atitude negativa em relação à cultura tecnológica que está surgindo, porque, como dizem, esta torna o homem inhumano e mera peça de uma grande máquina. Outros neutralizam esse repúdio negativo através de uma aceitação cega, isto é, a revolução tecnológica se desen-

volve de acôrdo com suas próprias leis internas e de certo modo orienta-se a si mesmo.

Faz-se mister, porém, encontrar algo que proteja contra o repúdio negativo e contra a superestimação positiva das forças materiais em têrmos de uma cega fé evolucionista e uma intoxicação tecnológica. Tôda a cultura tecnológica exige uma concepção positiva de ciência e de tecnologia. Ela também requer forças para empregarmos corretamente nossa nova responsabilidade.

II. *Observações Gerais Referentes ao Processo de Urbanização.*

A transição de um tipo de cultura e de sociedade para outro realiza-se de maneira concentrada na cidade. Essa transição é personificada por todos os indivíduos que trocam o distrito rural pela cidade, seja por longo ou por curto espaço de tempo. Voltaremos, a seguir, nossa atenção ao processo de urbanização e à cidade como meio social.

A. *A teoria demográfica.*

O têrmo urbanização é ambíguo. Nós operamos com definições diversas no que diz respeito à urbanização, dependendo do ponto de vista do qual encaramos o processo.

Do ponto de vista demográfico urbanização é um processo que força o grosso da população a viver em áreas com um certo número definido de pessoas.

Geralmente denominamos cidades áreas com mais de 20.000 habitantes. Conseqüentemente 64% dos cidadãos dos Estados Unidos vivem numa cultura urbanizada. No entanto, êsse modo de raciocinar é duvidoso. Grande parte de nossa população viaja de casa para o trabalho. Alguns moram no subúrbio, outros no campo. Também o ambiente de muitas cidades dificilmente pode ser distinguido de centros rurais. Nos Estados Unidos há algumas cidades que parecem mais uma coleção de aldeias do que cidades no sentido moderno da palavra.

B. *A teoria da estrutura do emprêgo.*

Também é possível medir-se o processo de urbanização pela estrutura do emprêgo em nosso país. Vastas regiões onde a força operária não está empregada na agricultura, são definidas como centros urbanos. O processo de urbanização segue o desenvolvimento industrial. Dêsse ponto de vista, 85% de nossa população está urbanizada. Essa é, contudo, uma estimativa duvidosa. Em nossas cidades grande parte do emprêgo de serviço encontra-se em violenta competição. Muita gente está empregada em serviços que na realidade poderiam ser efetuados por menor número de pessoas. As cidades também oferecem emprêgo disfarçado. Estatísticas de emprêgo são, por isso, ilusórias.

C. *A teoria do comportamento social e cultural.*

Finalmente, é possível definir o processo de urbanização pondo-se ênfase em aspectos sociais e culturais. Trata-se então de uma questão de modo de vida. O processo de urbanização efetua-se através de transformações no comportamento social e cultural. Levamos uma vida diferente, nossas possibilidades de educação são diferentes, empregamos o nosso tempo de lazer de modo diferente, nossa vida em família recebe outra estrutura, nossa avaliação de valores é diferente. Nessa base, no entanto, é muito difícil determinar-se o limite entre vida urbana e rural.

D. *O crescimento atual da população urbana.*

Obtemos uma visão mais clara do significado do processo de urbanização, salientando o crescimento atual e real da população urbana. Os grandes centros metropolitanos dos Estados Unidos, com mais de 100.000 habitantes aumentaram sua população por mais de 400% durante os últimos 50 anos.

E. *As razões do crescimento acelerado de áreas urbanas.*

Quais são as razões do crescimento acelerado de nossas áreas urbanas? Primeiramente, constatamos que tem havido um grande movimento de habitantes rurais para distritos urbanos durante a última geração. Poder-se-ia supor que êsse grande êxodo proveio da necessidade de novos trabalhadores em nossas indústrias. Mas não é êsse o caso. O baixo nível de vida dos distritos rurais do Sul, bem como as dificuldades dos pequenos fazendeiros do Norte em obterem lucros dentro de uma economia agrícola altamente mecanizada e racionalizada é que afugentaram grande parte da população rural. Esta mudou-se para centros urbanos movida apenas por uma esperança vã de encontrar um meio diferente de ganhar a vida. Frequentemente a mudança não tem significado mais do que a troca de uma espécie de pobreza por outra: superaglomeração e miséria econômica. O rápido processo de urbanização não revela um desenvolvimento econômico e industrial correspondente. Ao contrário, houve quem trocasse uma profissão pouco rendosa por outra ainda menos rendosa. Temos boas razões para falar num processo de superurbanização acompanhando a revolução tecnológica.

A pobreza da vida rural no Sul e as dificuldades em pequenas operações agrícolas no Norte impeliram muita gente para centros urbanos.

Mas também as cidades exercem uma fôrça magnética sôbre a população. Geralmente não são os mais pobres que abandonam o campo, mas sim os que vivem em situação pouco mais favorável. Êstes geralmente se impacientam com o lento desenvolvimento em distritos rurais. O nôvo sistema econômico-industrial oferece novas possibilidades de emprêgo, porque possui maior diversidade

de ocupações. Os homens são atraídos pela expectativa de lucros maiores e de um nível de vida melhor. Geralmente viram outros progredir e esperam ter o mesmo sucesso. Através de nosso eficiente sistema de comunicações o ambiente da cidade tornou-se mais familiarizado. Este ambiente os seduz.

Finalmente, a cidade oferece mais possibilidades de continuação dos estudos e de treinamento; e em potencial proporciona chances melhores de empregar tais aptidões. Por isso a cidade tem seduzido a uma fixação permanente.

O rápido processo de urbanização tem aspectos positivos e negativos. Do ponto de vista positivo a urbanização ergue a estrutura social e econômica para um futuro rico em desenvolvimento industrial.

Novas indústrias progrediram baseadas no poder aquisitivo concentrado nas áreas urbanas e na ampliação do padrão de consumo. Além disso o processo de urbanização tem efeito estimulante sobre a produção agrícola. Uma crescente procura de diferentes produtos conduz a uma produção agrícola mais diversificada e acentua a necessidade de uma produção maior.

Existem, no entanto, muitos aspectos negativos. O rápido processo de urbanização não se fez acompanhado dum desenvolvimento social e econômico correspondente. A marcha do desenvolvimento nesse sentido é rápida, mas não tão rápida e radical a ponto de fazer jus às aterradoras necessidades. Por esse motivo as áreas urbanas oferecem grandes dificuldades no que diz respeito ao ambiente social.

III. *Áreas Urbanas Como Ambiente Social.*

A. *O influxo.*

Note-se, primeiramente, que uma porcentagem excepcionalmente alta de habitantes mudou-se para as áreas urbanas. Estatísticas nos mostram que a maior parte da população de nossas áreas urbanas não nasceu lá. Vive, portanto, num ambiente alienígena.

Em segundo lugar, nossas cidades estão marcadas pelo movimento da população de uma cidade para outra. Temos uma "população móvel". Muitos vêm com a intenção de permanecer, seja por curto ou longo tempo, a fim de ganhar dinheiro para alguma finalidade definida. Cessa então seu trabalho e eles permanecem ou retornam para algo que chamam de lar ou de sua "aldeia". Algumas de nossas grandes "cidades" de "trailers" (casas rolantes) nos dão uma idéia de nossa "população móvel". Constantemente há gente movimentando-se entre diferentes ambientes "alienígenos". Estes não são residentes rurais nem urbanos.

Nossa "população móvel" relaciona-se à situação em que nossa indústria se desenvolveu. Apesar de esta se haver tornado altamente mecanizada e racionalizada, teve, como uma de suas premissas, uma boa reserva de operários não especializados e ba-

ratos. Esse padrão tem revelado tendência a persistir. O resultado é que nas áreas de industrialização surgiu uma população fluente com rendas baixas e inseguras, com pouca diversificação de empregos e com recursos reduzidos para progresso material e social. Ao mesmo tempo manifestou-se uma distinção geográfica entre diferentes grupos raciais. Quando o grande influxo começou, obtinham-se habitações baratas nas partes centrais de nossas áreas urbanas, devido à mudança dos operários mais bem pagos para as zonas suburbanas. Estas habitações baratas caracterizaram-se por serem altamente improvisadas e verdadeiramente más. Há muitas famílias atulhadas em apartamentos feitos para uma família apenas e muitos membros destas famílias não possuem sequer cama própria.

Nesse processo de urbanização encontramos, atualmente, uma conglomeração de massas de gente, que se instalaram com a expectativa de serem recompensadas com emprêgo. Elas não têm a capacidade de adaptar suas vidas ao ambiente social das cidades por própria conta. Tal só pode ser realizado com educação melhor, salário suficiente, habitações melhores e certas medidas no sentido de maior segurança social.

B. *O ambiente inseguro para uma verdadeira vida familiar.*

As condições sociais e econômicas que as áreas urbanas oferecem não proporcionam ambiente básico e necessário para uma verdadeira vida familiar. Um estudo dos salários e das condições de trabalho nos fará reconhecer a situação atual. O governo determinou por lei certos salários mínimos. Isso, porém, raras vezes protege realmente contra salário insuficiente. É possível que seja suficiente para o operário individualmente, mas nunca para sua mulher e sua família. Isto é válido no que toca em particular ao operário não especializado, mas também o é, muitas vezes, no caso de operários especializados. A fôrça operária não especializada, representa a maioria em nossas grandes áreas urbanas. Dêsse modo torna-se impossível para o operário individual sustentar sua família adequadamente.

Se estas condições persistirem permanentemente, estaremos nos confrontando com uma situação premente e perigosa. Chegaremos então a um círculo vicioso, no qual pobreza gera pobreza e miséria, nova miséria. É difícil ao homem ajustar-se a qualquer ambiente social quando lhe faltam estabilidade e habilitação para a maioria dos empregos. Quanto mais difícil lhe fôr ajustar-se socialmente, tanto menos estabilidade conseguirá em sua vida e tanto menos são as possibilidades de êle se erguer a um nível de vida decente. O operário urbano nem sempre compreende que êle pode estabilizar-se no ambiente da cidade por meio de sua própria contribuição de trabalho. A grande maioria de trabalhadores que fazem parte de nossa "população móvel" não está inteiramente consciente das novas possibilidades que poderiam surgir com tal estabilização.

Prestígio, segurança, o direito de alugar ou comprar habitações onde quiser, o direito de obter boa educação para seus filhos e o direito de levar uma vida familiar num ambiente decente; são essas as coisas de que o operário urbano realmente necessita e que muitas vezes não pode obter com o dinheiro que ganha.

O quadro que pintamos, referente às áreas urbanas como meio social é deveras desolador. Há, todavia, exemplos que mostram o contrário. O governo e diversas organizações civis tentaram criar condições sociais e econômicas que tornassem mais fácil ao povo fixar residência permanente. Há tendências no sentido de surgirem mais residências permanentes. Elas diferem de cidade a cidade. Mas, apesar desses sinais prometedores, em geral os salários, as habitações, as iniciativas para melhorar o bem-estar social e a educação não melhoraram e não acompanharam o acelerado processo de urbanização.

Estudamos as condições exteriores que a indústria e o ambiente da cidade oferecem ao homem moderno que trabalha. Agora tentaremos dizer algo sobre o intercâmbio social praticado nesse ambiente. Começaremos por mostrar os tipos de comunidade, postos em prática na sociedade industrial. Trataremos, então, da entidade básica, da família, nessa sociedade.

IV. Comunidade-de-interêsse-comum na Sociedade Industrial.

A Definições.

Há vários meios de se descrever as mudanças sociais que estão se processando em conexão com o crescimento de nossa sociedade industrial, técnica e urbanizada. Em nossa discussão faremos distinção entre comunidade-de-interêsse-comum e comunidade-de-vida-comum.

Comunidade-de-interêsse-comum é uma interdependência mútua de indivíduos, originada das violentas forças de competição em nossa sociedade.

Uma comunidade-de-vida-comum é uma unidade de pessoas baseada em comunicação recíproca, uma comunhão de valores, cultura comum e uma finalidade comum. Comunidade-de-interêsse-comum é geralmente amoral, impessoal, inconsciente, utilitária e pragmática. Não envolve muito contato pessoal. A comunidade-de-vida-comum expressa-se por meio de ação social recíproca, é pessoal, cria contato pessoal, estimula sentimentos de solidariedade, reciprocidade e apreciação.

A diferença entre estes dois conceitos, poderia ser a chave que abre a porta para uma melhor compreensão da sociedade industrial mecanizada.

B. Como influencia a sociedade industrial estes tipos de comunidade?

O indígena americano e todos os diferentes grupos de imigrantes em nosso continente foram envolvidos quer em comunida-

des-de-interesse-comum, quer em comunidades-de-vida-comum, quer em ambas. Como tem a sociedade industrializada influenciado essas comunidades? Como tem a transição de uma dessas comunidades para a outra influenciado a nossa estrutura social? A entidade social básica originária de grande número de nossos imigrantes era a povoação rural ou a congregação urbana. O povoado era a entidade básica rural, econômica e cultural. Os operários braçais estavam geralmente ligados a agremiações. O comércio passava de pai para filho. A agremiação criava um sentimento de afinidade social e de solidariedade. O povoado ou a agremiação proporcionavam segurança e posição social a cada um. O indivíduo tinha um lugar definido que era determinado pelas estruturas sociais.

A revolução tecnológica mudou este padrão social. Os imigrantes que vieram para perpetuar o padrão do povoado cêdo foram tirados de seu isolamento pela intensificação de comunicações. Também a mentalidade tradicional das congregações urbanas transformou-se. O sistema das congregações urbanas foi dissolvido interiormente pela mobilidade e pela maior diversificação de trabalho na sociedade industrial urbanizada.

C. *A habilidade competidora do indivíduo cria os valores sociais.*

Não é mais a congregação urbana ou o povoado que determina a ocupação do indivíduo ou sua posição na sociedade. Ao contrário, são a perícia e a habilidade do indivíduo que criam esses valores sociais. Ao mesmo tempo em que a barreira do povoado e da congregação urbana começou a ruir, a sociedade de classes iniciou o seu desenvolvimento, baseando-se na situação econômica do indivíduo em particular. A posição social e o prestígio estão ligados ao nível econômico do indivíduo. De súbito ele se vê colocado numa situação em que ele é obrigado a aceitar outra medida padrão para o bem-estar social. Ele não mais tem o povoado ou a congregação para preservá-lo, mas se vê forçado a assegurar tal bem-estar por si próprio.

O pano de fundo ("background") das transformações sociais fundamentais, que se efetuaram e que ainda estão se efetuando, é nossa pressão sobre o indivíduo em particular. As mudanças se efetuaram através da atividade de indivíduos em particular, cuja posição social se baseia em sua habilidade de adquirir um lugar para si próprio numa sociedade violentamente competitiva. Esses indivíduos criam sua própria posição social. O povoado e a congregação urbana baseavam-se em coesão coletiva. Agora a coesão social é determinada principalmente pelo próprio indivíduo.

D. *A Cristandade como força de desintegração social.*

Geralmente essa espécie de individualismo cria uma conformidade de interesse comum e utilitária. Faz-se necessário guiá-la para que se transforme numa comunidade-de-vida-comum, a fim

de que seja poupada da discriminação de posições. Nosso tipo de industrialização traz consigo um processo de secularização das instituições sociais e dos costumes, porque êstes são determinados pelo próprio indivíduo. O povoado e a congregação tinham uma base religiosa. Mas, na sociedade tecnológica tem se efetuado realmente um divórcio entre a vida social e a fé religiosa e os costumes. O indivíduo vê as formas de comunidade a partir do seu aspecto utilitário: "que é que há nelas para mim?" Os problemas, com os quais nossa sociedade se confronta são encarados de um ponto de vista puramente individual e racional. Problemas sociais que antes se enquadravam num contêxto religioso, de repente são investigados e resolvidos pelo indivíduo. Assim, a função social da religião fica sendo duvidosa. A religião cessa de preservar quaisquer tradições. Sua aptidão funcional é medida por padrões individualistas, utilitários e racionais. A religião não mais é identificada com as instituições da sociedade. Seu papel torna-se diferente e a organização religiosa passa a ser pluralista, não sendo mais uma força que integra, mas uma que separa. Ela se baseia, praticamente, em membros individuais, o que sempre conduz a uma comunidade-de-interêsse-comum.

Como pode, porém, a religião ser uma força de integração em nossa sociedade, se ela de modo algum pode ser identificada com uma organização social? Ao invés de ser um fator de integração, ela até se revela como organização social competidora, competindo com outras organizações sociais utilitárias.

E. *Quanto mais "liberdade", tanto mais solidão e insegurança.*

Do ponto de vista positivo o presente processo de industrialização tem proporcionado uma maior liberdade e um sentimento de igualdade ao indivíduo. No passado o povoado e a corporação davam pouca chance ao indivíduo para agir por iniciativa própria. Em nossa cultura moderna e urbana o indivíduo não encontra fortes fatores limitantes por parte das normas sociais. Isso significa um maior sentimento de liberdade e emancipação. Mas também significa maior confusão, mais solidão e insegurança. Se liberdade e emancipação do homem querem ter um conteúdo positivo, é necessário que se encontrem possibilidades diferentes da comunidade-de-interêsse-comum utilitária, secular e racional. Isso é necessário tanto para o bem de nossa sociedade, quanto para seus indivíduos. Se tais possibilidades não forem encontradas, nossa sociedade não pode funcionar como uma unidade orgânica, nem pode o indivíduo desenvolver-se corretamente. Êle não pode existir verdadeiramente sem a comunidade-de-vida-comum.

F. *A comunidade utilitária americana é antitética aos ideais democrático-sociais americanos.*

Nós descobrimos, porém, que o que existe de coesão social numa sociedade como a nossa, que quer funcionar como uma uni-

dade orgânica social e que teòricamente se baseia na idéia de que todos os homens são iguais e do mesmo valor, é principalmente determinado por um ponto de vista individualista e utilitário. A comunidade-de-interêsse-comum utilitária e racionalista, que é praticada por todos nós, é a verdadeira antítese aos nossos ideais democrático-sociais americanos. Surpreendidos, descobrimos que as diferenças em nossas condições sociais e em nossos lucros nos forçam a ordenar nossa comunidade de maneira hierárquica, diferente, ainda assim semelhante à antiga sociedade. O povoado e a congregação urbana foram sucedidos por grupos sociais e de classes, que literalmente estão destruindo a realidade de que somos iguais e temos o mesmo valor. Tem se desenvolvido uma consciência da classe, baseada no salário e na educação que nos incapacitou de competirmos com tal situação. Do ponto de vista do indivíduo, nossa sociedade diversificada é mais opressiva do que a de nossos antepassados, exatamente porque em nosso sistema a habilidade da pessoa individual é que é decisiva na criação de sua própria posição social.

G. *A função da comunidade exclusiva.*

Sociedade nenhuma pode, repentinamente, efetuar a transição de uma espécie de comunidade para outra, de uma comunidade restrita e exclusiva para outra mais livre. Por essa razão grande parte da população urbanizada procurou refúgio na comunidade mais exclusiva de grupos restritos, uniões, movimentos cooperativistas, organizações profissionais, igrejas e clubes rotarianos. No presente período de transição todos êstes têm a função de válvulas de segurança para a solidão e a insegurança social que hoje marcam a vida urbana. Eles criam um sentimento de pertencer-se mutuamente, uma solidariedade para com alguns membros da sociedade.

Mas tôda a cultura tecnológica exige que se encontre uma nova comunidade que ultrapasse todos os tipos de comunidade exclusiva acima mencionados.

H. *A necessidade de uma sociedade inclusiva em tôrno de áreas geográficas.*

Alguns planejadores criativos e arquitetos de nossas grandes áreas urbana-metropolitanas estão hoje em dia sonhando com a criação de "uma pequena cidade dentro dos limites de uma grande cidade". Vemos aqui a necessidade de dividir nossas áreas urbanas geogrâficamente. Desde que nós todos achamos que nosso destino é determinado por tempo e espaço, é uma satisfação saber-se que alguns deduziram as consequências dêsse fato vital. A comunidade-de-vida-comum sempre teve conexão geográfica. Nós necessitamos de uma sociedade inclusiva em áreas geográficas.

V. *Comunidade-de-vida-comum na Sociedade Industrial.*

A. *Um novo padrão de cultura.*

Parte de outros imigrantes que vieram a este continente foi envolvida numa comunidade, uma comunidade-de-vida-comum que regulava todo o organismo social. Esse sistema social era caracterizado pelo espírito não competitivo, pela subordinação do indivíduo ao grupo e pelo papel dominante da comunidade. Nessa comunidade-de-vida-comum o indivíduo tinha possibilidades limitadas de livre escolha, menos liberdade e menos responsabilidade. Essas características estão em flagrante contraste à estrutura de comunidade em nossa moderna sociedade industrial. Aqui a competição, o alto valor de iniciativa, maior "liberdade" e maior responsabilidade são as virtudes principais.

Essa sociedade inclusiva em sua forma antiga foi dissolvida gradualmente no processo de nossa industrialização. Nesse processo, todavia, não se subentende que o povo tenha perdido completamente seu contato com o padrão inclusivo de sociedade. Estudos desse problema mostraram que poucas pessoas perderam completamente o contato com o seu padrão. Foi demonstrado que é possível continuar-se nesse padrão de comportamento no ambiente urbano. Ao mesmo tempo é possível participar-se das formas urbanas de comunidade social. Um novo padrão de cultura e de comunidade se tem desenvolvido. É uma cultura que expressa algo de intermediário entre a forma inclusiva e exclusiva de comunidade.

O sentido em que estamos usando a palavra "comunidade inclusiva" não significa inclusivo em termos étnico-germânicos ou étnico-suécos etc. Significa uma comunidade-de-vida-comum que abrange todo o organismo social. No estudo de nossa sociedade podemos acompanhar o desenvolvimento de uma outra estrutura social em direção de uma comunidade que encerra todo o organismo social. Até mesmo na antiga comunidade étnica haviam diferenças de posição entre as quatro classes. Mas em geral elas participavam da mesma vida em comum. Posição econômica, profissão e grau de educação são limites típicos de uma classe. Apesar de proporcionarem esses limites de classes diferenças na posição social, eles também indicam a necessidade de se participar da mesma vida em comum. Começa a se desenvolver em nossa sociedade industrial a realidade de que cada posição econômica, cada profissão e cada grau de educação, é, em última análise, dependente do ajustamento de uma parte ao todo. Para que a nossa sociedade possa funcionar, faz-se necessária uma mútua interdependência entre os indivíduos e as diferentes classes e grupos sociais.

B. *O papel das organizações sociais.*

Vemos que os vários clubes sociais, uniões e igrejas desempenham um papel importante nesse processo de mudanças de uma cultura para outra. Sua intenção principal, geralmente, é conseguir

interdependência mútua e contato entre os membros. Assim também, em organizações cristãs o lado social desempenha um papel dominante. Muitos clubes e associações se têm desenvolvido dentro da estrutura das igrejas, tornando-se finalmente independentes. É óbvio que nossas numerosas organizações sociais no ambiente urbano tendem a criar algo que compense a comunidade inclusiva, isto é, a comunidade-de-vida-comum. Dêsse ponto de vista sua importância como força social para segurança não pode ser superestimada. Mas elas não podem realmente compensar as firmes relações da comunidade-de-vida-comum. Elas desempenham apenas algumas das funções da comunidade inclusiva.

C. Comunidade-de-vida-comum: uma interdependência mútua entre os grupos e a sociedade como um todo.

Nossa sociedade industrializada americana é conhecida por sua natureza pluralista. Este é o seu ponto forte. Mas ao mesmo tempo é seu ponto fraco, pois se nossa sociedade quiser funcionar futuramente, é necessária uma interdependência mútua entre os indivíduos e os diversos grupos e entre os grupos e a sociedade como um todo. A coesão inclusiva da sociedade de que nossos antepassados vieram era caracterizada pela interdependência mútua entre os diferentes indivíduos dentro de um grupo e entre grupos menores. Essa interdependência mútua era praticada em relação à sociedade como um todo e como uma unidade fechada. Ela foi destruída pela revolução tecnológica.

Entretanto o homem procura uma compensação para o senso de bem-estar social nas diversas organizações sociais. Nessas organizações sociais existe uma tendência positiva. Elas poderão lançar o fundamento para um novo senso de solidariedade e transpor divergências entre culturas de estruturas sociais inteiramente diferentes.

D. O problema de nossa vida: a necessidade de uma política de integração social.

A interdependência mútua e a solidariedade devem estar baseadas numa política de integração social altamente desenvolvida. O progresso técnico e econômico tornou isso possível. A interdependência recíproca e a solidariedade entre os diferentes grupos de nossa sociedade são esmagadores problemas de nossa vida. Como podem eles ser resolvidos? Essa interdependência e essa solidariedade precisam ser ampliadas a fim de incluir o mundo todo. Essa solidariedade e interdependência mundiais fazem parte dos marcos da evolução tecnológica e da sociedade industrial. Economicamente, tecnicamente e espiritualmente todos os países e todos os povos são dependentes um do outro.

VI. *A Família Urbana.*

A. *As consequências da urbanização para a família.*

Quais são as consequências do processo de urbanização para a família? Essa é uma pergunta difícil de se responder, já que não é somente o processo de urbanização que influencia e muda a estrutura e a função da família. Tais forças são o padrão de cultura, a afiliação religiosa e as organizações sociais. No presente estudo o conceito de urbanização serve como sinônimo para todas essas forças que afetam a família.

Geralmente achamos ser evidente por si mesmo que o processo de urbanização exerça um efeito desintegrador sobre a estabilidade da instituição matrimonial e da coesividade da família. O número de divórcios é significativamente mais alto em áreas urbanas do que em áreas rurais. Delinquência juvenil e prostituição são outros fenômenos tipicamente urbanos. Estão profundamente ligados à situação da família na cidade. Isso, todavia, não quer dizer que a relação matrimonial estabilizada e a vida familiar estão destinadas a desaparecer das cidades. Não nos deveríamos permitir a pensar que no ambiente urbano só existam fatores de desintegração social. Um novo tipo de família está em processo de desenvolvimento nos subúrbios ao redor das grandes áreas metropolitanas. Descobrimos um grau mais alto de estabilidade em fixações domiciliares primárias. Se esta observação estiver correta, podemos antecipar a estabilização por duas gerações.

B. *Casamento: o conflito entre valores contraditórios.*

Outros sociólogos acham que a presente tendência geral para o aumento do divórcio também se estabilizará com o tempo. O presente desenvolvimento é o resultado de um choque entre quatro valores contraditórios. Esses valores são: satisfação e saúde mental do indivíduo; os laços matrimoniais legalizados; uma forte ênfase sobre o amor romântico e a atração erótica, e uma satisfação primária da exigência à felicidade.

Esses quatro valores não podem ser unidos numa e mesma pessoa sem causar sérios distúrbios. Se, por exemplo, um homem procura amor romântico permanente e depois experimenta sério desapontamento, pode pedir um divórcio ou se resignar a seu infortúnio. Mas em qualquer dos casos seu balanço físico, sua exigência à felicidade foi perturbada. Podemos concluir que nossa presente situação americana está condicionada por uma elevada exigência à felicidade. Essa exigência tem sérias consequências para a estabilidade matrimonial. Serão neutralizadas essas tensões e contradições, que aparecem como ameaças para a estabilidade da instituição matrimonial? Sim — mas somente sob a pressuposição

de que condições mais favoráveis estejam sendo criadas para a vida familiar. Até agora, muito pouco tem sido feito no sentido de se encarar êstes problemas realisticamente.

C. *Restrição das funções da família.*

As mudanças da estrutura e das funções da família que estão se efetuando através do processo de urbanização podem ser descritas em termos da atuação de uma lei universal. Por todo o mundo estão se efetuando do mesmo modo os mesmos processos. Várias funções anteriormente da família, agora se tornaram, em parte, funções da sociedade como um todo. O tamanho da família, a produtividade econômica, a educação, o bem-estar, o tempo de lazer, tudo nos faz notar a restrição das funções da família.

D. *Ênfase excessiva dada ao elemento afetivo.*

Ao mesmo tempo outras funções têm aumentado de modo significativo, principalmente o elemento afetivo na relação pessoal entre os cônjuges. A instituição matrimonial está mais e mais dependente das *fôrças interiores de integração* dos consortes. O casamento está se tornando principalmente uma relação pessoal entre dois indivíduos. E quanto maior fôr a expectativa de felicidade, tanto mais vulnerável se torna o casamento. Atualmente o casamento não está mais contido num molde firme de costumes e tradições. Tudo depende da habilidade de viver e ajustar-se com o outro. O caráter e a personalidade do indivíduo desempenham um papel mais significativo do que antes. A família coletiva do passado dava aos membros um sentimento de ligação social. Isto proporcionava estabilidade à vida do indivíduo. Tornava mais fácil o sacrifício pela comunidade coletiva. Por outro lado, isso tornava-se um obstáculo ao desenvolvimento pessoal e dificultava mais o tomar iniciativa pessoal. Cria-se um sentimento de estar desarraigado no indivíduo, à medida que o senso de coletividade na família enfraquece devido ao processo de urbanização. Essa lacuna de estrutura paralisa o poder de iniciativa e deixa de proporcionar segurança real.

E. *A independência econômica da mulher.*

A posição social modificada das mulheres tem um significado fundamental para a família. O papel da mulher mudou na sociedade urbana e tem grande efeito sôbre a sua relação para com a família. A possibilidade de conseguir independência econômica tornou-a mais consciente de seus próprios direitos e de seu próprio valor. Houve alguém que afirmou, que a máquina de escrever contribuiu grandemente para a emancipação da mulher. A

desintegração da família coletiva deu à mulher outra posição em seu lar e em relação a seu marido. Desde que marido e mulher estão mais restritos à companhia um do outro, o elemento pessoal começa a representar um papel importante.

As nossas possibilidades urbanas para o desenvolvimento pessoal entre as mulheres podem criar um padrão de família que promove relações pessoais mais profundas no casamento. Mas êle também pode aumentar a tensão e levar a mais divórcios. A família coletiva do passado exercia uma certa pressão sôbre o individualismo exagerado e ajudava a manter a família unida. Agora a estabilidade do casamento depende da relação afetiva e pessoal. Por isso a necessidade de se criar um novo padrão da família coletiva é predominante. Nestas novas estruturas o senso do grande valor das mulheres precisa ser preservado. Ao mesmo tempo elas precisam dar maior senso de estabilidade para a vida.